

Entre presenças e ausências: as relações étnico-raciais e os materiais didáticos

Lécia Nájla dos Santos Melo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: leciamelo31@gmail.com

Edmacy Quirina de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: macy.souza@hotmail.com

63

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Materiais didáticos. Educação antirracista. Decolonialidade

INTRODUÇÃO

Este texto constitui um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação cujo objetivo foi compreender o lugar da educação antirracista e da perspectiva decolonial nas práticas pedagógicas dos/as professores/as da área de Ciências Humanas (Geografia, História e Filosofia). O estudo foi empreendido junto à linha de pesquisa “Currículo, práticas educativas e diferença” no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGE/UESB).

A partir da pesquisa realizada, questionou-se as relações raciais na escola pública, e um dos objetivos específicos visou analisar a compreensão dos/as professores/as acerca dos materiais didáticos que utilizam em relação às questões étnico-raciais. Tal discussão mostra-se de suma relevância, haja vista que os materiais utilizados no espaço escolar são meios que comunicam modos de existência e podem, portanto, reforçar estereótipos e padrões hegemônicos, o que precisa ser questionado quando se pensa na constituição de uma educação para as relações étnico-raciais que se mostre antirracista.

Desse modo, apresentamos um recorte do estudo, evidenciando as visões acerca dos materiais didáticos que são percebidas pelos docentes das Ciências Humanas e as leituras que realizam destes no exercício das práticas pedagógicas, compreendendo-as como ações intencionais que denotam visões de mundo e interferem diretamente na formação dos sujeitos. Assim, o texto apresenta resultados de discussões realizadas junto

Realização:



Apoio:



àqueles que fazem a educação acontecer cotidianamente e cujas ações e reflexões mostram-se imprescindíveis no combate ao racismo no espaço escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com abordagem teórico-metodológica decolonial, utilizou princípios da educação antirracista e da interculturalidade crítica. Visou confrontar as bases epistêmicas coloniais, que separam de um lado o pesquisador e de outro os sujeitos investigados. A partir destas bases foi elaborado um processo decolonizante de pesquisa (Ocaña; López, 2019), confrontando a imparcialidade, neutralidade e objetividade na investigação (França, 2020). Foram realizados encontros decolonizantes e a produção de cartas pedagógicas (Prado, 2013), tendo como participantes, professores/as das Ciências Humanas, que atuam em 6º e 7º anos do ensino fundamental, numa escola pública municipal em Ilhéus/Bahia. Utilizei nomes de personagens negros/as e indígenas com importância invisibilizada na história da Bahia para representá-los/as. A análise considerou marcadores da colonialidade e decolonialidade conforme matriz metodológica criada por Martins e Benzaquen (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões com os participantes da pesquisa, revelou que na maior parte das vezes a referência aos materiais didáticos são restritos na discussão acerca do livro didático, o que é compreensível pois, “O livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares” (Silva, 2005, p. 22). Em contraponto, um dos participantes destacou que “*Os professores têm que usar os conteúdos pra dentro deles explorar temas que extrapolem o que o livro traz, por exemplo, ver possibilidades*” (Professor Caboclo Marcelino, Encontro 2, 2022). Outro participante sinalizou: “*Os profissionais de educação não podem ficar restritos ao material didático [livro didático] caso queiram que seus alunos tenham uma visão mais reflexiva*” (Professor Gregório Luís, Carta Pedagógica 3, 2022).

Realização:



Apoio:



Ainda que o livro didático continue sendo uma referência no cotidiano das práticas pedagógicas, “Por outro lado, em virtude da importância que lhe é atribuída e do caráter de verdade que lhe é conferido, o livro didático pode ser um veículo de expansão de estereótipos não percebidos pelo professor” (Silva, 2005, p. 23). Diante desse quadro, os/as professores/as que reconhecem a necessidade de ampliar as perspectivas históricas, culturais, políticas, tendem a buscar materiais que possam complementar ou ainda refutar as abordagens que os materiais presentes nas escolas possuem, isto é representado por iniciativas individuais de alguns profissionais, mas constitui exceções.

A professora Conceição Lopes trouxe uma relevante argumentação: “[...] *quando fazemos uso de material didático, temos uma gama de informações e tecnologias que nos auxiliam. Assim, trabalhar as questões étnico-raciais tendo em vista todos estes recursos, nos dá uma ampla bagagem para amenizar séculos de história mal contadas e danosas*” (Professora Conceição Lopes, Carta Pedagógica 3, 2022). A narrativa aponta para uma tentativa de romper a colonialidade do saber imposta nos materiais, ação imprescindível considerando que tal colonialidade propõe controlar os conhecimentos e conseqüentemente invisibilizar outros mundos (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019). Ao conjugar outros saberes a sua prática, opera-se uma intenção de transpor ao estabelecido, como propõe uma educação antirracista, intercultural, dentro de um projeto decolonial. Essa ação é necessária, pois, “A utilização de material pedagógico ou de apoio que não contemple a diversidade dos alunos e alunas presentes na escola também colabora para reforçar a percepção de que em nossa sociedade determinado grupo é mais valorizado” (Cavalleiro, 2001, p. 153).

Por isso, os materiais didáticos utilizados pelos/as professores/as no exercício da prática pedagógica precisam ser vistos como elementos fundamentais na construção de uma educação antirracista que propicie uma transformação do cenário onde a representação da pessoa negra reforça racismos e desigualdades. Desse modo,

A presença do negro nos livros, freqüentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político econômica e cultural na África pré-colonial;

Realização:



Apoio:



e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas (Silva, 2005, p. 25).

Essa inflexão só pode acontecer quando o professor tem formação para perceber as lacunas e distorções que os materiais possuem, caso contrário, o ciclo de perpetuação dos estereótipos e inexistências seguirá. Assim, quando o/a profissional possui formação que lhe possibilite questionar as estruturas vigentes, poderá utilizá-los em favor da mudança de pensamento a partir de uma análise que promova novos olhares.

Outro aspecto evidenciado diz respeito a maneira como o livro didático representa a população negra a partir de imagens, onde é constantemente relacionada a posições humilhantes, depreciativas e inferiorizadas. Tal realidade atinge as visões que os estudantes negros/as vão construindo de si o que afeta diretamente a formação do ser (Maldonado-Torres, 2020). Para Silva (2005, p. 29) “De um modo geral, o negro é representado nas ilustrações e descrito como pobre. Porém, a representação do pobre corresponde à do miserável, uma vez que é descrito e ilustrado como esfarrapado, morador de casebres, pedinte ou marginal”. Estes estereótipos são implantados diariamente a estudantes e reforçadas por meio da sua leitura de mundo demarcadas pelas persistentes desigualdades sociais que afetam por motivos históricos diversos com maior força a população negra. Por esse motivo a prática pedagógica deve ser insurgente, buscando meios de questionar o eurocentrismo presente, apontando para um mundo cheio de possibilidades como ele de fato o é.

CONCLUSÕES

A partir deste estudo depreende-se que há um engessamento do material didático com relação as relações raciais por meio da reprodução de histórias hegemônicas e padrões estereotipados, o que representa uma das tentativas de perpetuação das colonialidades. Primeiramente, a colonialidade do saber, imprimindo heróis e um mundo de representatividade branca europeia, isto é, a hegemonia de um saber específico. De outro lado está a colonialidade do ser, pois ao impor um “lado certo” ou um “mundo único”, outras possibilidades invisibilizadas vão impactando as vidas dos sujeitos que não se veem representados e tampouco as histórias de seus antepassados ganham destaque, evidenciando a negação do ser a determinados grupos sociais. Assim, decolonizar a partir

Realização:



Apoio:



do uso de materiais didáticos que contem outras histórias permite um resgate a memória dos grupos que são invisibilizados, em especial a população negra (Munanga, 2013). Esse exercício de resgate é fundamental para a construção de uma educação antirracista, que investe na formação de uma sociedade que compreenda a pluridiversidade que a constituiu.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: pensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 141-160.

MARTINS, Paulo Henrique. BENZAQUEN, Júlia Figueredo. Uma proposta de Matriz metodológica para os estudos descoloniais. *In*: **Cadernos de ciências sociais da UFRPE**, Recife, v. 2, n. 11, ago./dez., 2017.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade étnico-cultural: a importância da história do negro e da África no sistema educativo brasileiro. *In*: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. (Org). **Relações étnico-raciais e diversidade**. Niterói: Editora da UFF, Alternativa, 2013. p. 22-33.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. *In*: MUNANGA, Kagengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37

OCAÑA, Alexander Ortiz; LÓPEZ, María Isabel Arias. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, v. 16, n. 31, p. 147-166, 2019.

FRANÇA, Fagner Torres. Metodologias decoloniais: um museu de grandes novidades? **Cadernos de estudos culturais**, v. 2, n. 24, p. 77-88, 2020.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas Pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da educação**, Paranaíba, v. 4, n. 10, p. 149-165, 2013.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

Realização:



Apoio:

